

## **Regionalismo e Identidade no (Pré)-Carnaval de Fortaleza: O Caso do Bloco Luxo da Aldeia<sup>1</sup>**

Roberta Kelly de Souza BRITO<sup>2</sup>

Liana Viana do AMARAL<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **Resumo**

O presente artigo se propõe a apresentar e a discutir as características do Bloco Luxo da Aldeia enquanto elemento aglutinador da cultura e da identidade carnavalesca na cidade de Fortaleza. O reforço da tradição, por meio da valorização das composições da terra, e a tentativa de impulsionar a festa na cidade, mesmo com um histórico defasado, serão estudados em conjunto com as políticas culturais de incentivo a essa manifestação, a fim de compreender as novas configurações da movimentação momina na capital cearense.

**Palavras-chave:** Luxo da Aldeia; cultura; identidade; carnaval; Fortaleza

### **Introdução**

No leque de manifestações populares que ilustram a realidade brasileira, ganha destaque o carnaval. As músicas, as fantasias, as escolas de samba, os blocos de rua, os maracatus - e outras manifestações reveladas no período dessa festa - tomam conta de diversas cidades do País, em todas as regiões desta imensidão geográfica. A intensidade desse processo cultural rege a vida de muitas pessoas que dedicam boa parte do calendário ao planejamento e à organização de quatro ou mais dias de folias no ano.

O fenômeno já foi teorizado do ponto de vista antropológico por alguns autores, sendo Roberto DaMatta e seu livro *Carnavais, malandros e heróis* (1997), uma referência no assunto. Ao definir essa festa como um momento em que as regras, rotinas e procedimentos são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções, o autor reflete sobre um processo histórico de dramatização.

Caracterizado por uma inversão de valores, o Carnaval surge assim como uma festa sem dono, mas que pode ser possuída pelos que nada têm. “Não é por outra coisa que o carnaval pode ser o alvo de todas as projeções sociais. Ele surge, portanto, como uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: [bertasouza.cs@gmail.com](mailto:bertasouza.cs@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UFC, email: [lianaamaral@yahoo.com](mailto:lianaamaral@yahoo.com)

imensa tela social, onde essas múltiplas visões da realidade social são simultaneamente projetadas”. (DAMATTA, 1997, p. 122)

É nesse cenário que se inserem os grupos carnavalescos. Acompanhados do estigma da não seriedade, eles sustentam um vigor e dão uma impressão de perpetuidade que não é concretizada nem mesmo por instituições civis que supostamente deveriam assumir esse papel. A justificativa apontada por DaMatta é clara: o cerne dessas organizações é o interesse nascido de dentro para fora, que obedece aos impulsos mais genuínos do próprio grupo ou pessoa.

Desse modo, temos nos grupos de carnaval formas de associação das mais autênticas e espontâneas. Formas que não seguem qualquer modelo externo, não saíram de nenhum livro de política ou sociologia, não foram implementadas visando a um plano específico e consciente de “desenvolvimento”. Também não vieram da França ou da Inglaterra, esses países modelares. Não são, pois, os meios de responder a um mundo que certos grupos julgam existir como uma realidade absoluta e única. Ao contrário, são um modo de dialogar com as estruturas de relações sociais vigentes na realidade brasileira. É nisso que reside, provavelmente, sua autenticidade e sua permanência. (DAMATTA, 1997, p.124)

A capital cearense, com 60 blocos, 14 maracatus, oito escolas de samba, quatro cordões e quatro afoxés oficialmente registrados pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor), tem um histórico de pouca adesão ao festejo momino quando comparada a outras capitais brasileiras. Mas, na última década, a manifestação tem ganhado uma feição diferenciada, atraindo um público de todas as idades para viver e (re)significar uma tradição que foi se perdendo ao longo do tempo. É por meio do compartilhamento das danças e músicas regionais referentes a este período que diferentes gerações têm se encontrado num resgate da memória cultural do Estado e estimulado um novo olhar sobre o Carnaval local.

Nesse contexto está o Bloco Luxo da Aldeia, que sai desde 2007 nos pré-carnavais<sup>4</sup> de Fortaleza e, mais recentemente, também nos carnavais, em busca de homenagear a cultura musical da cidade, executando canções carnavalescas antigas e atuais de compositores e músicos cearenses de nascimento ou de coração. O apelo regionalista e o reforço da identidade carnavalesca de Fortaleza trazidos pelo Bloco instigam a uma reflexão sobre a nova configuração desta manifestação popular na cidade, e é sobre essa relação entre cultura, regionalismo e identidade que se debruçará o presente artigo.

---

<sup>4</sup> Festa realizada durante todo o mês que antecede o Carnaval.

## Uma Fortaleza, vários carnavais

Antes de analisar o caso do Bloco Luxo da Aldeia, é preciso entender o cerne da festa carnavalesca na capital cearense. Assim como outras cidades, Fortaleza viveu o carnaval dos entrudos, das batalhas de confete e serpentina, dos bailes em clubes elegantes, dos desfiles de carros luxuosos e das apresentações de manifestações populares nas ruas, como os blocos de carnaval, de pré-carnaval e os maracatus.

Mas, foi somente a partir dos anos 1930, quando se deu, no Brasil, com maior força, a propagação de ideias nacionalistas e a valorização de práticas culturais, que a cidade passou a registrar a festa com mais intensidade. Segundo Oliveira (1997), o primeiro bloco a surgir no carnaval fortalezense foi o Prova de Fogo, em 1935. Inicialmente, o “carnaval de rua” da capital era organizado por órgãos da imprensa, juntamente com a Federação Carnavalesca, criada em 1948. Somente em 1960, a prefeitura iniciou sua participação nas festividades carnavalescas, conforme relata Militão (2007).

Percebe-se desde essa época uma relação tensa entre os brincantes e o poder público, tendo em vista o mínimo de apoio financeiro investido pelas políticas culturais locais. "Em razão disso, ocorreram, desde 1963, inúmeras suspensões dos desfiles de blocos, cordões e maracatus como forma de protesto dos brincantes junto ao poder municipal." (CRUZ, D. M & RODRIGUES, L. C., 2010).

Nos anos seguintes, difundiu-se em Fortaleza uma ideia de esvaziamento no carnaval. A "Cidade Fantasma", como passou a ser reconhecida pelos moradores nesse período do ano, perdia o povo para as praias do litoral do Estado ou, ainda, para outras capitais como Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Enxergar na capital um potencial turístico de descanso foi a melhor saída financeira para os chamados Governos das Mudanças, período correspondente, na esfera estadual, aos governos de Tasso Jereissati e Ciro Gomes.

Finalmente, nos anos 1990, com o surgimento do bloco Quem é de Bem Fica<sup>5</sup>, essa modalidade ganha força em Fortaleza. Isso porque, até então, as festas carnavalescas nas ruas da cidade eram, predominantemente, marcadas pelos desfiles dos maracatus. "Com o aumento da atuação dos blocos de pré-carnaval, a temporalidade do carnaval se expandiu, propiciando novas percepções de tempo e espaço na cidade" (CRUZ, D. M & RODRIGUES, L. C., 2010). Passado, portanto, o período do financiamento advindo exclusivamente da

---

<sup>5</sup> Criado pelo carnavalesco Dilson Pinheiro, o Bloco Quem é de Benfica desfilou nos sábados de pré-carnaval do bairro de 1995 a 2000. No último ano de desfile, após três sábados de folia, ele não saiu mais às ruas em virtude de uma liminar judicial impetrada por uma associação de moradores do bairro que se sentia prejudicada pelos festejos.

iniciativa particular, os blocos começaram a receber apoio da prefeitura a partir de 2007, com a criação dos editais municipais, já na gestão da petista Luizianne Lins.

### **Nata do lixo, Luxo da Aldeia**



**Figura 1. Logo do Bloco Luxo da Aldeia**

É na rua Padre Francisco Pinto, em frente ao Bar do Chaguinha, no bairro Benfica, que o Bloco originalmente formado por Bruno Perdigão (cavaquinho e vocal), o irmão, Mateus (violão e vocal) e os amigos, João Paulo Martins (vocal), Angelo Caetano (percussão), Rodrigo Ildefonso (baixista), Patrick Mesquita (flauta), Thales Catunda (percussão) e André (bateria), além de Tiago Porto e Marcus Vinícius (organização), se apresenta desde 2007.

Contemplado pelo edital de pré-carnaval da Prefeitura de Fortaleza a partir daquele ano, o Luxo da Aldeia nasce e se desenvolve com a proposta de resgatar a cultural local, investindo na pesquisa e na difusão das músicas cearenses em meio à festa carnavalesca. Inspirados em compositores como Ednardo<sup>6</sup>, Fausto Nilo<sup>7</sup>, Petrúcio Maia<sup>8</sup>, Evaldo Gouveia<sup>9</sup>, Luiz Assunção<sup>10</sup>, Lauro Maia<sup>11</sup>, Humberto Teixeira<sup>12</sup>, Falcão<sup>13</sup>, dentre outros, os

---

<sup>6</sup> Cantor e compositor cearense, nasceu em 17 de abril de 1945 e ganhou projeção nacional com a música "Pavão Misterioso", tema da novela Saramandaia (1976).

<sup>7</sup> Compositor, poeta e arquiteto cearense, nasceu em 5 de abril de 1944 e fez sucesso com Moraes Moreira na parceria que resultou em "Chão da Praça" (1979) e "Bloco do Prazer" (1980).

<sup>8</sup> Compositor cearense, nasceu em 1947 e faleceu em 1994. Gravou os álbuns "Melhor que mato verde" (1980) e "Cantos do Planeta", lançado postumamente em 1996.

<sup>9</sup> Músico cearense, nasceu em 8 de agosto de 1928. Com a canção "Bloco da Solidão", feita em parceria com Jair Amorim, ele intensificou sua relação com o carnaval.

garotos de chapelões e roupas coloridas trazem no repertório canções que fizeram história nos carnavais passados e, assim, estabelecem um diálogo saudável com as novas gerações de brincantes.

Assim como outras iniciativas, tais como a do Bloco Quem é de Benfica, o Luxo da Aldeia surge reivindicando uma herança da tradição carnavalesca da cidade, tomando como exemplo do referido Bloco "a "espontaneidade", porque surgida da iniciativa de particulares, "popularidade", porque de livre acesso ao público, e "tradicionalidade", porque tem seu repertório baseado nas marchinhas de carnavais passados". (BORGES, 2007).

A nostalgia parece ser uma característica comum aos brincantes, que encontram na festa do pré-carnaval, uma maneira de reviver os carnavais antigos. E vão além, relembando mitos e recontando o passado da cidade.

À medida que o bloco se apresenta, os brincantes acionam, por meio das lembranças, memórias individuais que falam de cada um e também memórias coletivas que falam do grupo, da história de Fortaleza. Rememoram-se bairros, bares, ruas, praças e casas de um período distinto. (CRUZ, D. M & RODRIGUES, L. C., 2010)

Mas não se resume a isso. Na dinâmica da festa, reinventa-se o presente. E o significado de tradição, habitualmente considerado como um conjunto de práticas preservadas na memória coletiva da sociedade, ganha uma nova feição.

"[...] o tradicional como um conjunto de instituições e valores oriundos de uma história recente, e que se impõem a nós como uma moderna tradição, um modo de ser. Tradição enquanto norma, embora mediatizada pela velocidade das trocas e mobilidades das pessoas". (ORTIZ, 1994).

No vermelho e amarelo do estandarte e das camisas, nas fantasias, maquiagens e acessórios especiais, na serpentina e no confete compartilhado, a vontade de ser é maior do que a de simplesmente estar no carnaval. E mesmo com as dificuldades de manutenção da

---

<sup>10</sup> Músico e compositor maranhense, nasceu em 11 de julho de 1902 e veio para Fortaleza em 1928. Quando o mar invadiu a praia, em 1953, ele criou o célebre samba "Adeus, Praia de Iracema", em referência a uma das praias mais famosas de Fortaleza. Faleceu em 9 de maio de 1987.

<sup>11</sup> Compositor, arranjador e instrumentista cearense, nasceu em 6 de novembro de 1912 e morreu em 5 de janeiro de 1950. Autor de clássicos como "Trem de ferro" e "Deus me perdoe", Lauro Maia também teve uma escola de samba com seu nome.

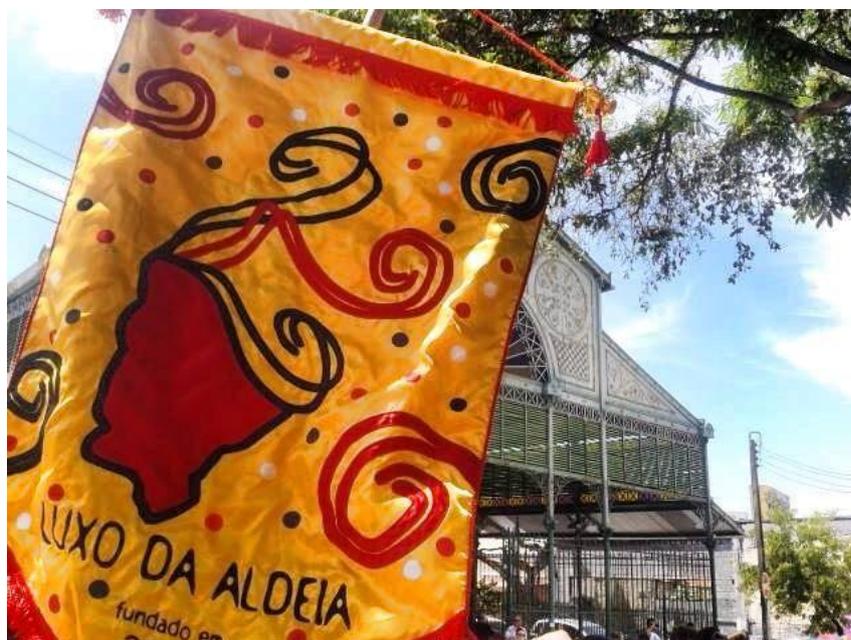
<sup>12</sup> Compositor, instrumentista e advogado cearense, nasceu em 5 de janeiro de 1915 e faleceu em 3 de outubro de 1979. Ao lado de Luiz Gonzaga, compôs o sucesso Asa Branca (1947).

<sup>13</sup> Cantor, apresentador e compositor cearense, nasceu em 16 de setembro de 1957 e é notado pelo estilo irreverente e cômico. Tem nove discos gravados, com sucessos como as canções "I'm not dog no", "Black People Car", "Holiday Foi Muito" ("Homem é Homem"), e "I Love You Tonight".

festa, seja pelos cuidados com a vizinhança, que já rejeitou no passado outras manifestações semelhantes, ou pela dependência dos editais da prefeitura, o Bloco cativa o público e constrói junto com ele novas possibilidades de carnavalizar.

Possibilidades estas, diretamente vinculadas ao lugar em que ele está inserido. Situado nas proximidades do centro cidade, o Bairro Benfica é dito universitário, em razão de abrigar as duas principais universidades públicas e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), além de ser uma região marcada pela atuação política. Ali estão localizadas sedes sindicais e de partidos políticos de esquerda; no mesmo ambiente se dá a efervescência das campanhas eleitorais, o acompanhamento dos seus resultados e as festas comemorativas pós-eleições. Por isso, o Benfica é tradicionalmente visto como um bairro marcado pela boemia, abrigando antigos e tradicionais bares frequentados por estudantes e pela intelectualidade local. E é com esse público que o Bloco compartilha suas apresentações.

### **No embalo das canções cearenses**



**Figura 2. Estandarte do Bloco Luxo da Aldeia**

A referência à cultura local acompanha o Luxo da Aldeia desde o nome. Inspirados na música Terral, do compositor Ednardo, os integrantes cantam e fazem o público dançar com os versos: "eu sou a nata do lixo / eu sou do luxo da aldeia / eu sou do Ceará". E com essa composição já reforçam o desejo de representação do regional.

No som de "Não é qualquer carnaval/ não é qualquer litoral/ que faz a minha cabeça, não", de Petrúcio Maia, na famosa Batuquê de Praia, também está explícita a reverência à festa na cidade. Acima das ofertas nacionais, para agradar o folião, o encontro momino, "tem que ter "um quê"", só encontrado aqui.

E não para por aí. Ao todo, mais de 40 canções integram o repertório do Bloco, que canta nas quatro sextas-feiras que antecedem o carnaval e mais no sábado e na segunda da festa, com fôlego para mais apresentações casuais durante o ano. E mais, não se restringindo a reprodução das músicas que fizeram sucesso no passado, o Luxo da Aldeia investe, ainda, em canções autorais, a começar pelo hino do Bloco.

A composição de Matheus e Bruno Perdigão e Tiago Porto apresentam a dúvida e a surpresa do fortalezense ao se deparar com a festa em sua cidade. "Não sei se vou pra serra/ Ou se é na praia que eu vou ficar/ Mas agora eu corro pra ver/ Tem coisa lá fora, vieram dizer/ Que já não demora pra estremecer a praça". E se completa com o refrão: "É no meio da rua que a gente começa a brincar/ No bloco Luxo da Aldeia, o bloco do Ceará/ É no meio da rua que a gente começa a brincar/ No samba, na marcha e no frevo até a gente cansar".

O despontar do carnaval de rua na cidade é assim anunciado na canção "Ó, linda Fortaleza", de Marcus Dias e Matheus Perdigão: "Ó linda Fortaleza/ Vem pra rua conhecer/ Os blocos e as bandinhas/ Que acabaram de nascer/ Nasceram sob as bênçãos/ De Terrais e Longarinas/ Juntaram multidões/ De Pierrots e Colombinas/ Fizeram e refizeram/ Até que um dia aconteceu/O carnaval de rua renasceu/ Seguindo a trajetória/ Dos antigos foliões/ Que honraram nossas ruas/Com seus blocos e cordões".

Além do repertório básico, outras interações com a cultura tradicional cearense acontecem durante a apresentação de quase quatro horas do Bloco. É comum a participação dos integrantes do Maracatu Solar<sup>14</sup> em pelo menos uma sexta-feira do pré-carnaval. Juntos, os dois grupos reúnem a reverência às raízes cearenses e a vontade de promoção de uma festa plural. Ao cantar a música "Noite Azul", em parceria com o compositor Pingo de Fortaleza, os jovens brincantes pedem: "Me leva, meu bem, me leva/ Pra dentro da noite azul/ Me leva, meu bem/ Me leva pro Maracatu".

Nessa ocasião, na rua Padre Francisco Pinto co-habitam duas manifestações de rua genuinamente carnavalescas, visto que, em meio à multidão, abre-se um corredor para a

---

<sup>14</sup> O Maracatu Solar, idealizado e fundado em 2006, por um grupo de artistas ligados a Associação Cultural Solidariedade e Arte - SOLAR, tem como presidente o cantor e compositor Pingo de Fortaleza, e o Grão Descartes Gadelha na sua concepção rítmica e estética. O projeto estreou no Carnaval de rua de Fortaleza em 2007 e apresenta-se até hoje.

passagem do Maracatu, com suas loas e batuques a conversar com a percussão do Luxo da Aldeia. Dentro desse contexto, fica clara a proposta de revitalização da festa, mas não se pode negar que, apesar de ser uma construção, a identidade carnavalesca da capital funciona como um processo de negociação, na medida que assume um caráter híbrido, dúctil e multicultural. "A identidade é teatro e é política, é representação e ação" (CANCLINI, 1997, p. 175 e 176).

### **O desafio das políticas culturais**

Foi a partir dos anos de 2007 e 2008, período exato de formação do Bloco Luxo da Aldeia, que os blocos de pré-carnaval e grupos de maracatu passaram a ser inseridos em um conjunto de práticas promovidas pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) por meio da política de editais municipais. De acordo com o órgão, o estímulo a essas atividades tem como finalidade "fortalecer as raízes culturais de Fortaleza" (FORTALEZA, 2008)" e promover um carnaval que "dispense trios elétricos e opte pela tradição" (FORTALEZA, 2007a).

Os apontamentos acima apresentados dialogam objetivamente com a proposta do Bloco em estudo e mais: alfinetam atividades cujo teor não esteja em consonância com a ideia de revitalização da manifestação local, como é o caso dos trios elétricos característicos dos carnavais do interior do Estado, inspirados nas festas realizadas em Salvador, Bahia.

Nos editais seguintes, no entanto, incluindo o atual, percebe-se uma proposta mais suavizada, que prevê "o fortalecimento e a democratização do Carnaval de Fortaleza, valorizando as tradições e a participação das comunidades locais". (FORTALEZA, 2014, p.3) Vale salientar que o aporte financeiro, portanto, só ocorre mediante a obediência a alguns quesitos.

Ainda estabelecendo comparativos, no edital de 2008, em relação aos blocos de pré-carnaval, é um critério de seleção a "[...] utilização de bandas de sopro e metais, charangas, percussão e baterias de escolas de samba fundamentadas em ritmos de raiz" (FORTALEZA, 2009, p. 9). Estimula-se, também, o uso de bonecos gigantes. Já nos anos seguintes, incluindo o atual, valoriza-se uma configuração mais simples, com "brincantes divididos ou não em alas, conduzidos por um porta-estandarte e puxado por uma banda de música, charanga ou bateria. O grupo, fantasiado, canta marcha ou samba escolhido pela agremiação a partir de um tema". (FORTALEZA, 2014, p.2).

Tais observações não podem ignorar o contexto de gestão municipal da cidade, ocupado nos anos de 2005 a 2012 pela representante do Partido dos Trabalhadores (PT), Luizianne Lins e, atualmente, pelo representante do Partido Republicano da Ordem Social (PROS), Roberto Cláudio. No período de gestão da petista, por exemplo:

o pré-carnaval e o carnaval são utilizados como ferramentas importantes para as propostas de ressignificação de imagens da cidade (...). As festividades promovidas para o carnaval seguem uma lógica que explicita valores aliados à tradição, à valorização da cultura local, ao “resgate” das raízes, ao incentivo ao carnaval festivo e ao turismo familiar (CRUZ, D.M & RODRIGUES, L.C, 2010)

A transição, no entanto, aparece conturbada, como se pode observar em trechos das matérias divulgadas em 2014 nos principais jornais da cidade:

O primeiro dia de folia acordou os fortalezenses com a notícia de que não haveria a reunião de blocos do Polo da Mocinha, um dos marcos da programação momina da cidade havia sete anos. A indefinição também pairava sobre o Luxo da Aldeia, que tradicionalmente ocupa a rua Padre Francisco Pinto, no bairro Benfica. Além disso, os maracatus se queixavam de terem recebido a verba para os desfiles, que começariam no domingo, apenas dois dias antes, na tarde de sexta-feira, 28. (JORNAL O POVO, CADERNO VIDA & ARTE, 08/03/2014)

Na rua, durante os quatro dias de Carnaval, a folia dos blocos aconteceu, independente da Prefeitura. Apenas um ensaio aberto da Turma do Mamão, no bairro Moura Brasil, e os blocos infantis do Passeio Público e do Mercado dos Pinhões entraram na programação. Antes, durante o pré-Carnaval, eram 103 blocos apoiados. Para os foliões que ocuparam espaços como a Praças do Leões, Praça da Gentilândia, poucos ou nenhum banheiro químico; em alguns blocos, quase nenhum policiamento e ausência da Autarquia Municipal de Trânsito. (DIÁRIO DO NORDESTE, CADERNO 3, 09/03/2014).

A situação articulada pelos gestores das políticas culturais não retira as esperanças dos carnavalescos, que acabam se submetendo às propostas apresentadas, mesmo não sendo por elas favorecidas. O contraste dialoga com o pensamento de que

o poder dessas instituições e corporações se conquista e renova através da disseminação dos centros, da multipolaridade das iniciativas e da adaptação das ações e mensagens à variedade de destinatários e de referências culturais que, em cada caso, ordenam suas identidades. (CANCLINI, 1997, p. 255)

Assim, não se pode ignorar a influência das ações políticas sobre o que se vem construindo ao longo dos anos no carnaval da capital cearense. No caso do Bloco Luxo da Aldeia, por exemplo, contemplado somente pelos editais do pré-carnaval, é preciso também

a movimentação com venda de materiais do grupo, shows pagos etc, tudo em prol da manutenção de uma festa (carnaval) que não se desvincula da outra (pré-carnaval), num processo cuja magnitude ainda está sendo apresentada à Fortaleza.

Situações semelhantes vivem os outros blocos, maracatus, cordões, afoxés e escolas de samba da cidade. O que se percebe, no entanto, é o desejo de cada um de manter a celebração, ainda que, para isso, tenham que se submeter a uma política desorganizada do ponto de vista de incentivo à cultura.

### **Considerações Finais**

Estudar o carnaval de Fortaleza exige uma contextualização histórica das etapas pelas quais ele passou, dos percalços que enfrentou, das soluções que encontrou e mesmo as que ainda vai encontrar. Entendê-lo a partir da atual configuração e, no caso do presente artigo, por meio de um bloco com características específicas como o Luxo da Aldeia não é uma tarefa simples, visto que por trás do estandarte levantado por ele, outros tantos blocos, maracatus, afoxés, cordões e escolas de samba assumem ideologias diferenciadas.

Ainda assim, é possível perceber que, a cada passo dado em favor ou não da realização da festa, uma diversidade de manifestações culturais toma as rédeas da produção local. O compromisso com a alegria dos foliões chega a superar a "obrigação da tradição". A vontade de fazer dialogar quem fez e faz a festa é maior do que a de chorar o financiamento não dado. E a reverência a quem deu início a esse processo é uma injeção de ânimo para quem está começando.

Cantar Ednardos, Petrúcius, Faustos, Evaldos, Luizes e Lauros vai muito além do saudosismo, da nostalgia. Os novos brincantes encontram neles o exemplo de que carnaval se faz com vontade própria, independente de editais. E levam para a rua uma identidade construída e em mutação diária, mas sempre antenada a herança regional. Não negam as influências daqueles que embalaram a geração dos pais e avós e tomam para si o papel de multiplicadores da festa.

A iniciativa é válida. O sonho também. Quantos Matheus, Brunos, Paulos, Angelos, Rodrigos, Patricks, Thales, Andrés, Tiagos e Marcus ainda ouvirão que "Só no carnaval passando/ A gente vai se acostumando/ Que esses dias não são todos iguais". E, quem sabe, também alimentarão o desejo de cantar esses versos do cearense Fagner pela cidade um ano a mais? É por eles e para eles que a festa há de continuar.

## Referências Bibliográficas

BORGES, Vanda Lúcia de Souza. **Carnaval de Fortaleza: tradições e mutações**. Fortaleza: UFC, 2007. TESE (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, 2007.

CANCLINI, Nestor G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1997.

Carnaval de Fortaleza 2014: Guia de Programação. Janeiro de 2014.

CRUZ, D. M & RODRIGUES, L. C. **Tempo de Carnaval: políticas culturais e formulações identitárias em Fortaleza**. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: [http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/danielle\\_lea.html](http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/danielle_lea.html), acesso em: 15/07/2014

DaMatta, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MILITÃO, J. W. R. **Maracatu Az de Ouro: 70 anos de memórias, loas e batuques**. Fortaleza: Omni Editora, 2007.

OLIVEIRA, C. M. S de. **Fortaleza: velhos Carnavais**. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar. Programa Editorial, 1997.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Para onde vai o Carnaval? Jornal O Povo, Fortaleza, 8 de março de 2014. Caderno Vida & Arte.

Prefeitura Municipal de Fortaleza – Secretaria de Cultura de Fortaleza. Fortaleza: EDITAL outubro de 2007b.

\_\_\_\_\_.EDITAL nº10/2008, 2009.

\_\_\_\_\_.EDITAL nº23/2013, 2014.

Qual o passo da cultura? Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, 9 de março de 2014. Caderno 3.